

# BOLETIM DE CONJUNTURA

96

# 2018

## 3º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

**APICCAPS**

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadâneos

O terceiro trimestre de 2018 desapontou as empresas portuguesas de calçado. A carteira de encomendas teve uma evolução desfavorável, em particular no mercado nacional, com reflexos ao nível da produção, utilização da capacidade e emprego. No entanto, parte significativa das empresas continua a sentir dificuldades relacionadas com a escassez de mão-de-obra, principalmente qualificada. Também os preços no mercado nacional deram sinais de uma evolução adversa. As condições climatéricas surgem entre as principais dificuldades enfrentadas pela indústria, que são lideradas pela insuficiência de encomendas.

A maioria das empresas continua a considerar o estado dos negócios suficiente, embora constatando uma degradação da conjuntura por comparação com o mesmo período do ano anterior. A apreciação da situação é tendencialmente mais favorável entre as empresas de maior dimensão e maior orientação para os mercados externos.

Embora as empresas acreditem que o estado dos negócios permanecerá suficiente no último trimestre do ano, as suas previsões apontam para o agravamento das tendências a nível da produção e encomendas mas não sugerem alterações significativas nos seus níveis de emprego. Os preços de venda deverão manter-se estáveis.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

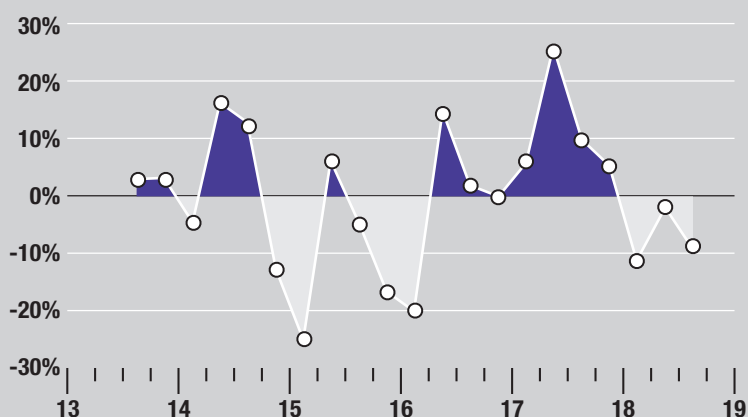
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

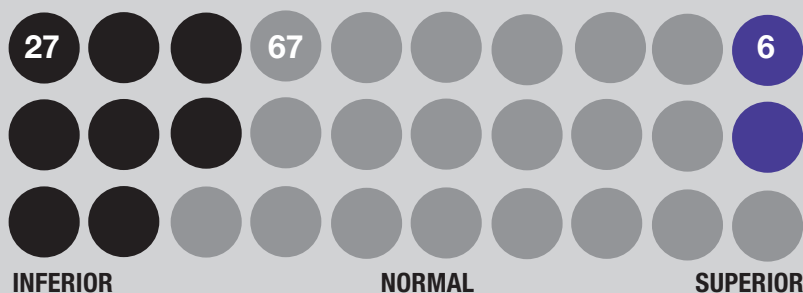
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

No terceiro trimestre, a estabilização continuou a ser a tendência mais frequente quanto à evolução da produção das empresas inquiridas (44% das respostas). Entre as empresas totalmente exportadoras, as indicações de aumento da produção excederam as de diminuição, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) positivo de +4 pontos percentuais (p.p.). No entanto, globalmente, o s.r.e. foi de -9 p.p., devido à evolução predominantemente negativa da produção das empresas orientadas para o mercado nacional ou apenas moderadamente exportadoras. A evolução da produção não mostra relação significativa com a dimensão das empresas.



# Utilização da Capacidade



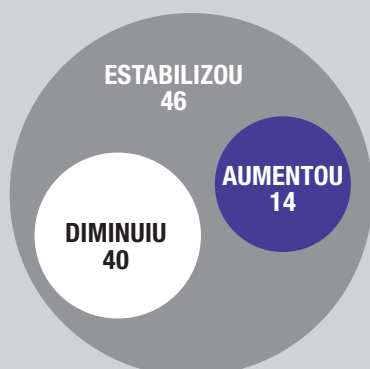
Dois terços das empresas consideram que a utilização da sua capacidade produtiva, no terceiro trimestre, foi normal para a época do ano. O saldo de respostas extremas foi de -21 p.p., tendo-se agravado face ao trimestre anterior e atingido o valor mais reduzido dos últimos três anos. Apesar da evolução positiva da sua produção assinalada na pergunta anterior, as empresas totalmente exportadoras são as mais insatisfeitas com o nível de utilização da capacidade.

# Carteira de Encomendas

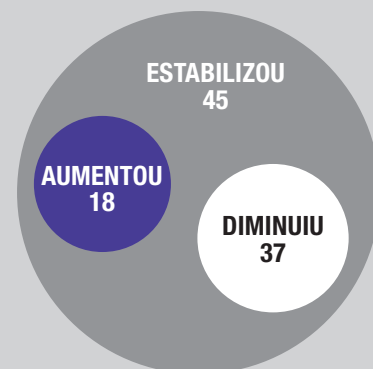
Também a avaliação das empresas sobre a carteira global de encomendas atingiu o ponto mais baixo dos últimos três anos, com um s.r.e. de -25 p.p., excedendo as previsões negativas formuladas no final do trimestre anterior. Ainda assim, quase metade dos inquiridos (46%) afirma que a sua carteira estabilizou. Tal como quanto à produção, são as empresas mais orientadas para o mercado interno que se mostram mais insatisfeitas com a carteira de encomendas.

O saldo de respostas extremas relativo à carteira de encomendas do estrangeiro é menos desfavorável (-19 p.p.) mas também se situa ao nível mais baixo desde o início de 2016 e supera as previsões do trimestre anterior. Ao contrário do que tem sido habitual em trimestres anteriores, são as pequenas empresas que, nesta matéria, se mostram menos insatisfeitas.

**CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS**



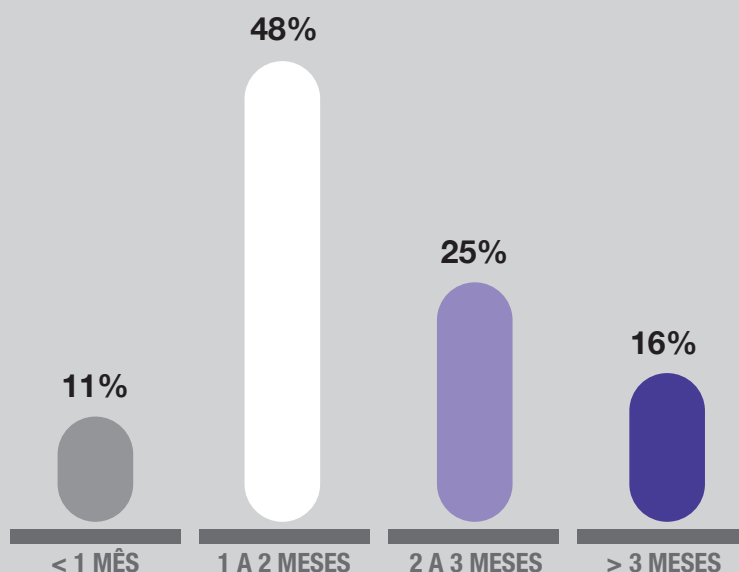
**CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO**



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

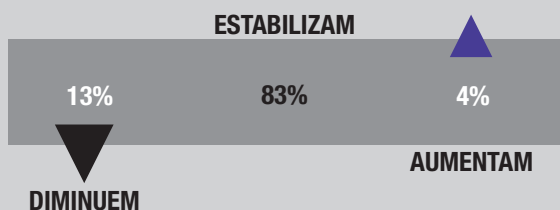
Apesar desta evolução, quase metade das empresas inquiridas (48%) afirma que a carteira de encomendas lhe assegura um a dois meses de produção e 41% dizem ter até trabalho para mais tempo. A carteira das empresas orientadas maioritariamente para o mercado nacional ou cujas exportações não vão além de 75% da produção é consideravelmente mais curta do que a das que têm uma mais forte propensão exportadora. Para um terceiro trimestre, estes indicadores apresentam os níveis menos favoráveis dos últimos cinco anos.



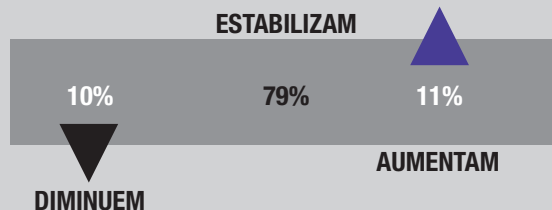
# Preços

Como é habitual, a larga maioria das empresas considera que, no terceiro trimestre, os preços permaneceram inalterados, tanto em Portugal (83%), como nos mercados internacionais (79%). No entanto, relativamente ao mercado português, as empresas que referem uma tendência de descida dos preços foram mais do que as que disseram o oposto, originando um s.r.e. de -8 p.p., o mais baixo registado ao longo de 25 anos de publicação de este boletim. As indicações de descida vêm exclusivamente de empresas com menos de 100 trabalhadores. Quanto aos preços nos mercados internacionais, o s.r.e. permaneceu positivo (+2 p.p.) embora tenha diminuído consideravelmente face aos trimestres anteriores.

## EM PORTUGAL



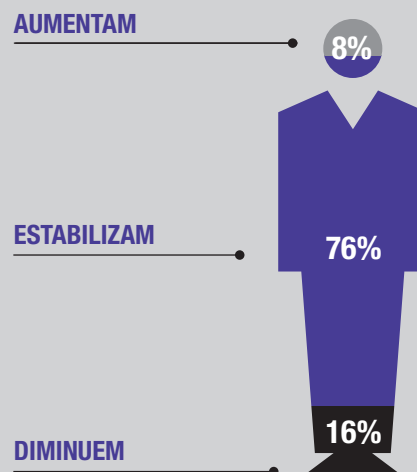
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

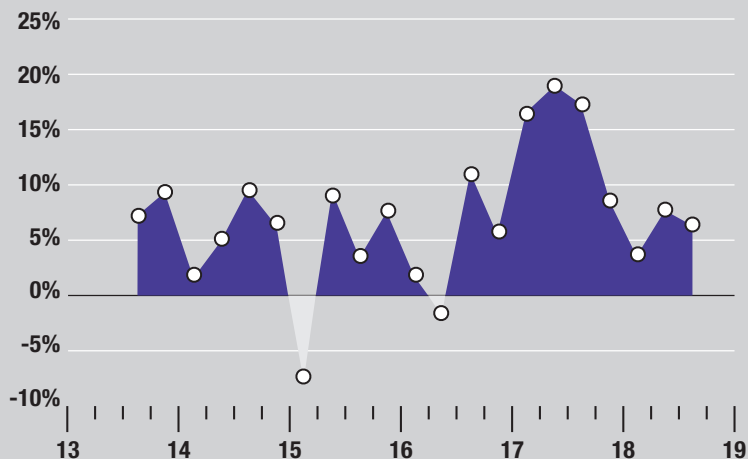
Mais de três quartos das empresas (76%) afirmam que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu inalterado mas também neste aspeto o número de indicações de diminuição excedeu o das de aumento (-8 p.p.), tal como as empresas previam no final do período anterior. Este foi o terceiro trimestre consecutivo com s.r.e. negativo, consolidando uma tendência de diminuição do emprego no setor. A evolução do emprego não apresenta relação clara com a dimensão ou orientação de mercado das empresas.



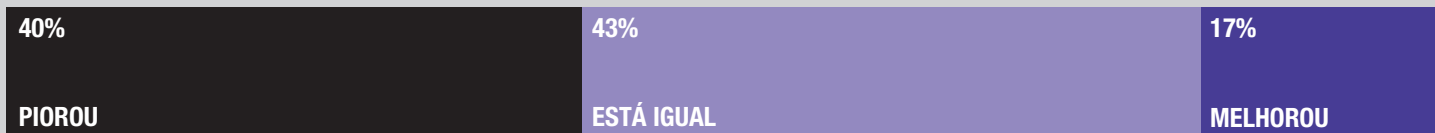
# Estado dos negócios

Apesar de um terceiro trimestre decepcionante, a maioria das empresas (52%) consideram que o estado dos negócios permanece suficiente e as que entendem que é bom superam as que pensam que é mau, originando um s.r.e. de +6 p.p., em linha com as previsões formuladas no trimestre anterior. Este foi o nono trimestre consecutivo em que este saldo foi positivo.

A deterioração da conjuntura setorial é, no entanto, patente nas respostas das empresas sobre a comparação entre o trimestre agora terminado e o trimestre homólogo do ano anterior: embora 43% das empresas considerem que o estado dos negócios permanece igual, as que acham que o terceiro trimestre de 2018 foi pior do que o de 2017 superam em 22 p.p. as que pensam que foi melhor, o que é o saldo mais desfavorável dos últimos quatro anos.



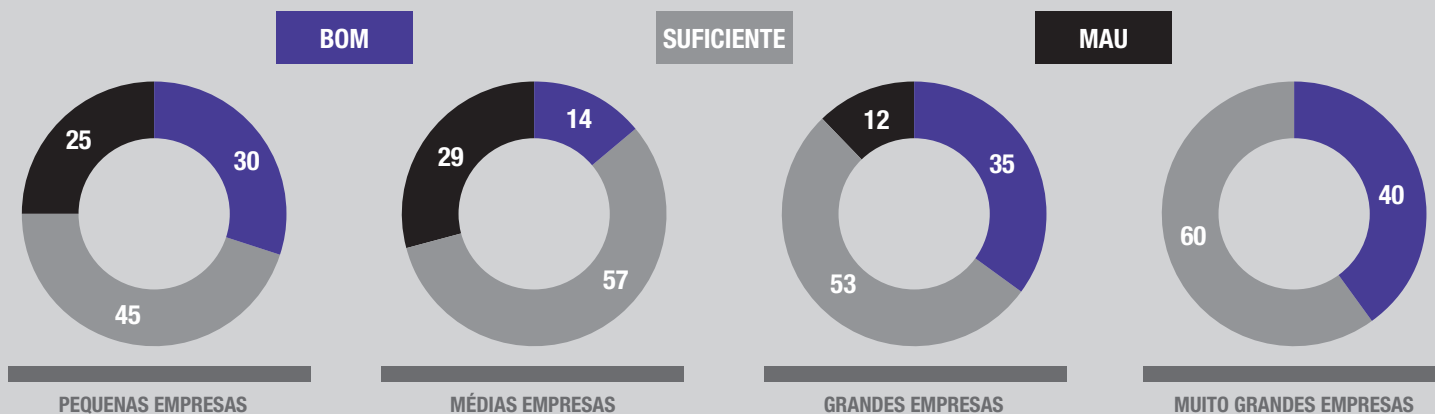
## PERÍODO HOMÓLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Tal como no trimestre anterior, a apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios é tendencialmente mais favorável entre as de maior dimensão e entre as que apresentam uma mais forte orientação exportadora. No entanto, também essas empresas têm sentido a desaceleração da conjuntura,

apresentando acentuados s.r.e. negativos quanto chamadas a comparar o estado dos negócios nos terceiros trimestres de 2018 e 2017. Aliás, quanto a essa comparação, nenhuma classe de empresas, seja em termos de dimensão, seja de orientação exportadora, apresenta s.r.e. positivo.



# Limitações à produção

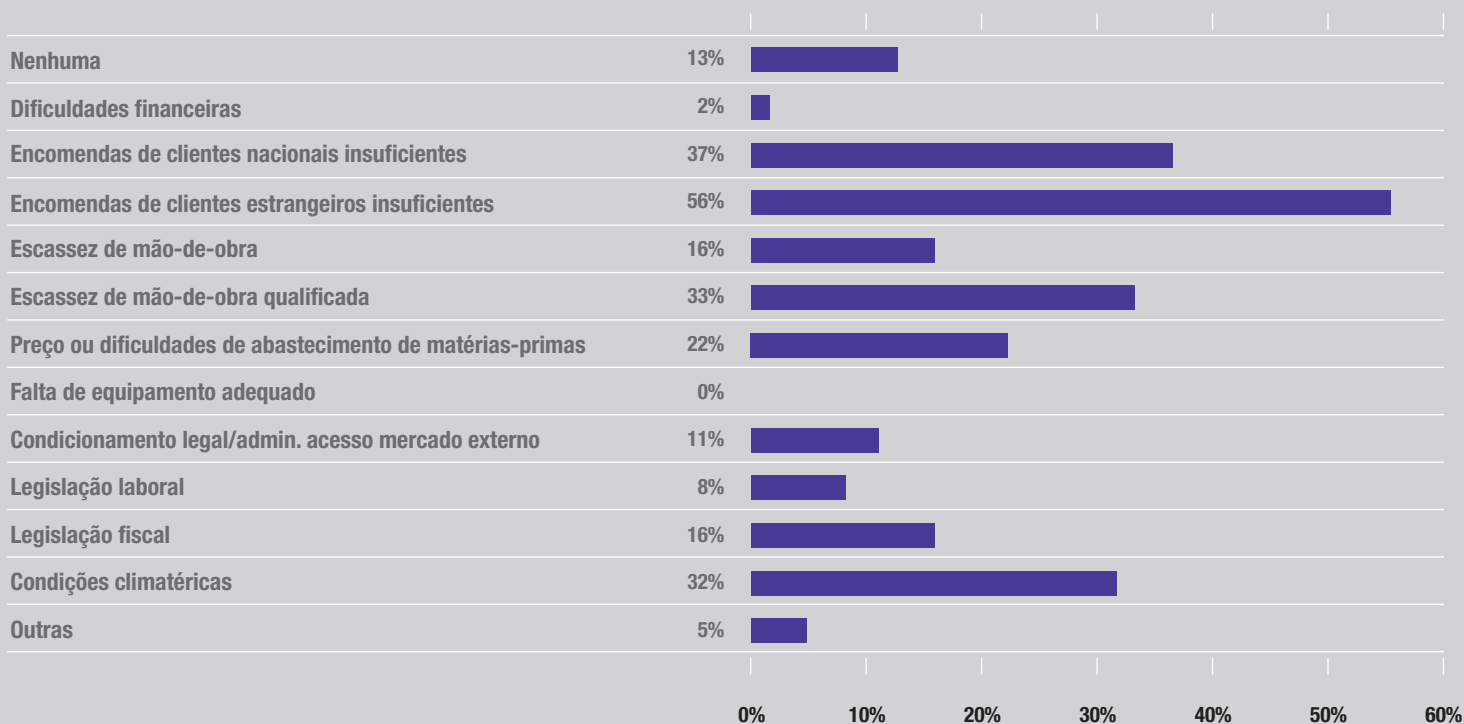
No terceiro trimestre, a percentagem de empresas que declararam não ter enfrentado nenhuma dificuldade continuou a diminuir, tal como tem vindo a acontecer consistentemente desde o início de 2016, tendo atingido um mínimo de 13%. Esta percentagem só é superior para as empresas com mais de 250 trabalhadores e para as que se dedicam exclusivamente à exportação, não variando significativamente entre as outras classes de empresas.

As dificuldades de mercado lideram as preocupações empresariais: 56% das empresas afirmam estar confrontadas com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e 37% de clientes nacionais. Ambos os valores excedem os registados no trimestre anterior e continuam uma tendência de aumento observada ao longo dos últimos trimestres.

Apesar da desaceleração da conjuntura, as preocupações com a escassez de mão-de-obra (16%) e, especialmente, de mão-de-obra qualificada (33%) permanecem elevadas, tendo diminuído apenas ligeiramente face ao segundo trimestre. A falta de mão-de-obra qualificada preocupa sobretudo as empresas

mais orientadas para a exportação. Registou-se um abrandamento mais significativo nas referências a problemas relacionados com o abastecimento de matérias-primas (22%), tal como aconteceu ao longo de todo o ano de 2018. Já a falta de equipamento adequado não preocupa nenhum dos inquiridos.

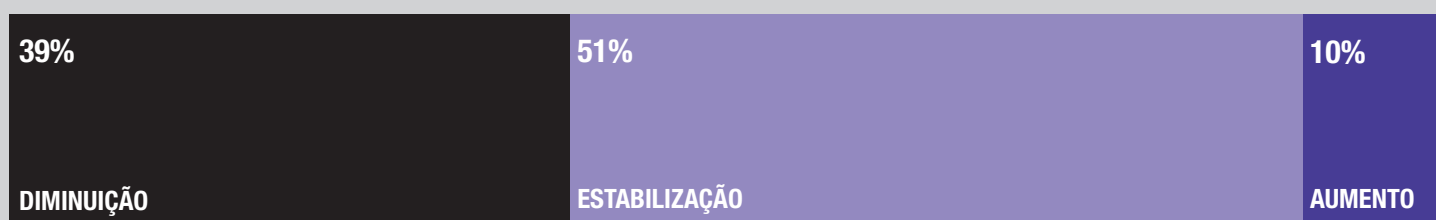
No terceiro trimestre, registou-se um aumento das referências a todos os tipos limitações de ordem legislativa ou administrativa sobre que as empresas são inquiridas: as referências à legislação fiscal atingiram um novo máximo histórico (16%), o mesmo tendo acontecido relativamente aos condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados externos (11%), enquanto a legislação laboral foi mencionada por 8% das empresas. Também as referências às condições climáticas atingiram um valor recorde (32%), surgindo na quarta posição entre as principais dificuldades enfrentadas pela indústria, quase em igualdade com a falta de mão-de-obra qualificada e com a insuficiência de encomendas de clientes nacionais.



# Tendências da produção

A maioria das empresas inquiridas (51%) espera manter o seu nível de produção no último trimestre do ano, sendo essa percentagem substancialmente mais elevada (61%) entre as que se dedicam totalmente à exportação. Contudo, a evolução desfavorável da carteira de

encomendas no terceiro trimestre leva a que as empresas que anteveem uma diminuição da produção excedam largamente as que preveem o contrário (s.r.e. -28 p.p.). As empresas com mais de 250 trabalhadores são as únicas em que o s.r.e. é positivo.

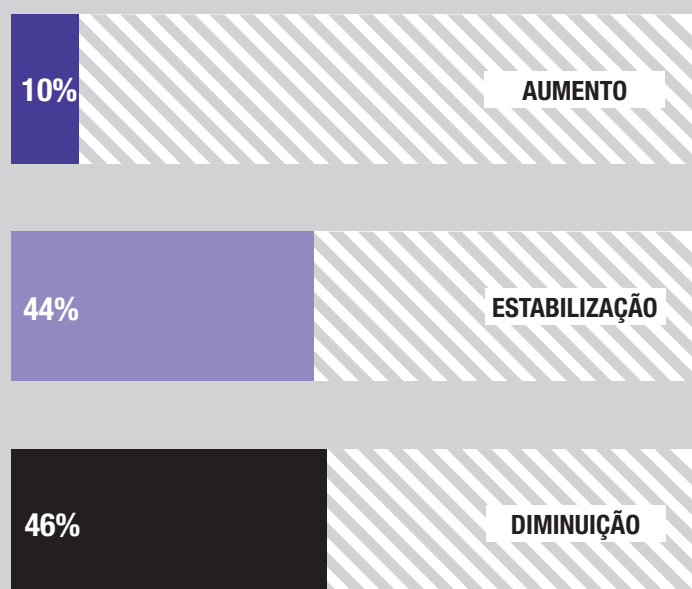


# Perspectivas de encomendas

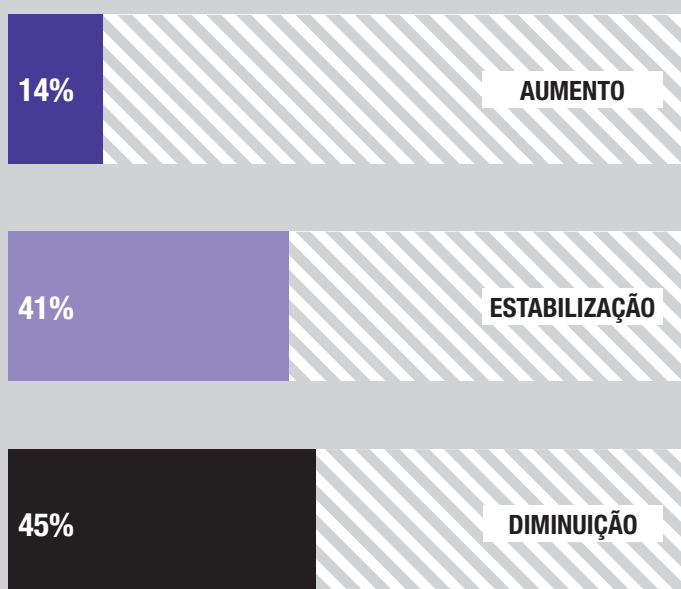
Para o próximo trimestre, as empresas esperam que se acentue a tendência desfavorável de evolução da carteira de encomendas: a percentagem de inquiridos que prevê um aumento da carteira não ultrapassa os 20% em nenhuma classe de empresas em termos de dimensão ou orientação de mercado; globalmente, o

saldo de respostas extremas é de -37 p.p. As perspetivas relativamente à carteira de encomendas do estrangeiro são ligeiramente menos pessimistas, com um s.r.e. de -30 p.p. que, no entanto, atinge os -46 p.p. entre as empresas totalmente exportadoras.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

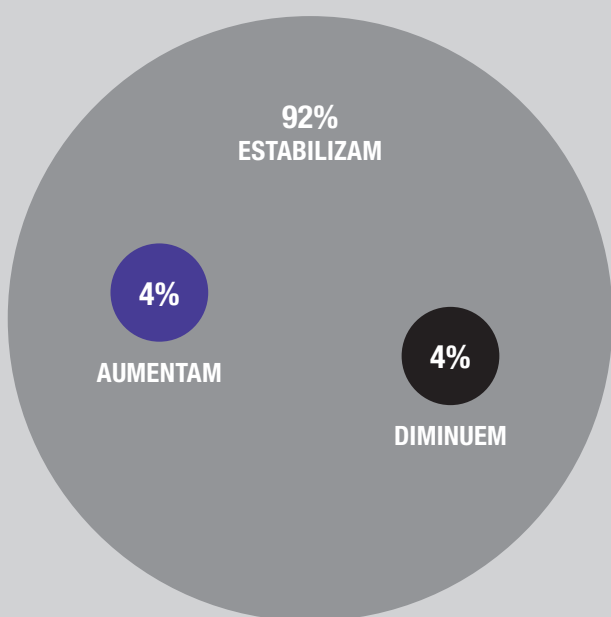


# Perspetivas de preços de venda

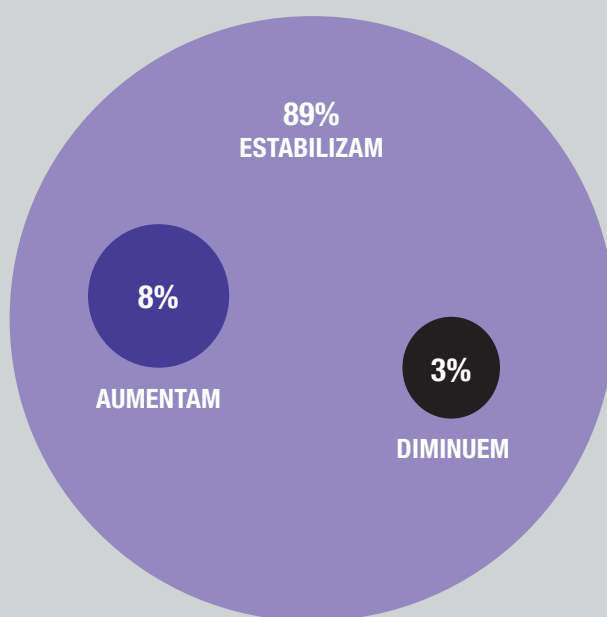
As empresas são quase unânimes na previsão de estabilidade dos preços. No que respeita aos preços no mercado português, 92% dos inquiridos acreditam que assim acontecerá e os restantes dividem-se por igual entre a previsão de aumento e diminuição. O s.r.e. é, aliás, nulo para todas as classes de empresas em termos de dimensão

e orientação de mercado. Quanto aos preços nos mercados internacionais, 89% das empresas acreditam que não se alterarão mas as que preveem um aumento superam em 5 p.p. as que receiam uma diminuição, sendo as previsões de aumento mais frequentes entre as empresas mais orientadas para o exterior.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

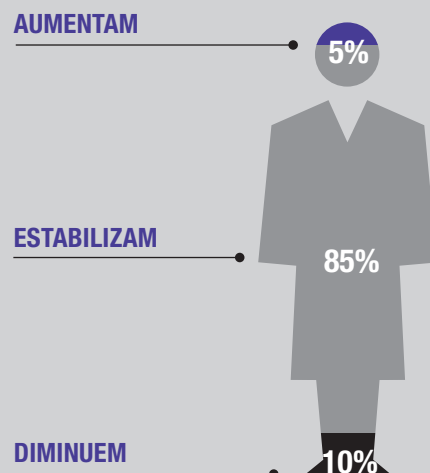


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

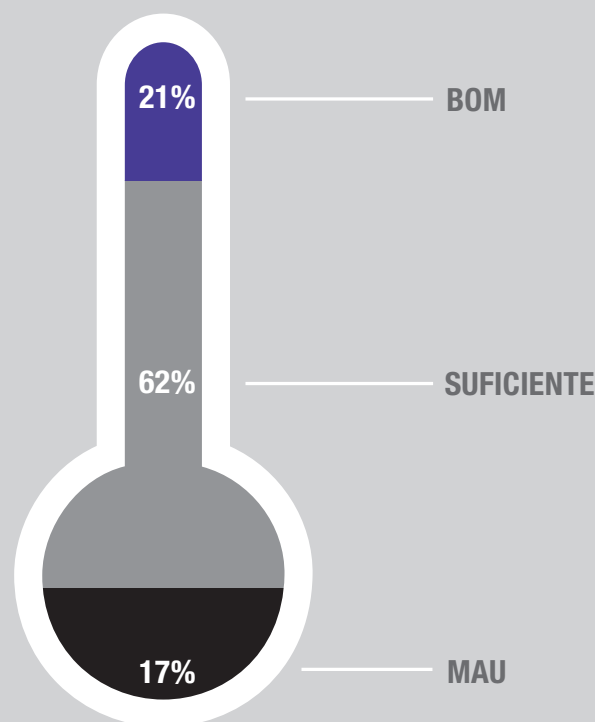
Três quartos (76%) das empresas preveem também que, no último trimestre do ano, não alterarão o número de pessoas ao seu serviço. No entanto, são mais as empresas a prever uma diminuição do que a acreditar num aumento, gerando um s.r.e. de -5 p.p. Trata-se do terceiro trimestre consecutivo em que as previsões relativas ao emprego são de sentido negativo. As empresas orientadas maioritariamente para o mercado nacional são uma exceção, nesta matéria, apresentando um saldo positivo de +8 p.p.





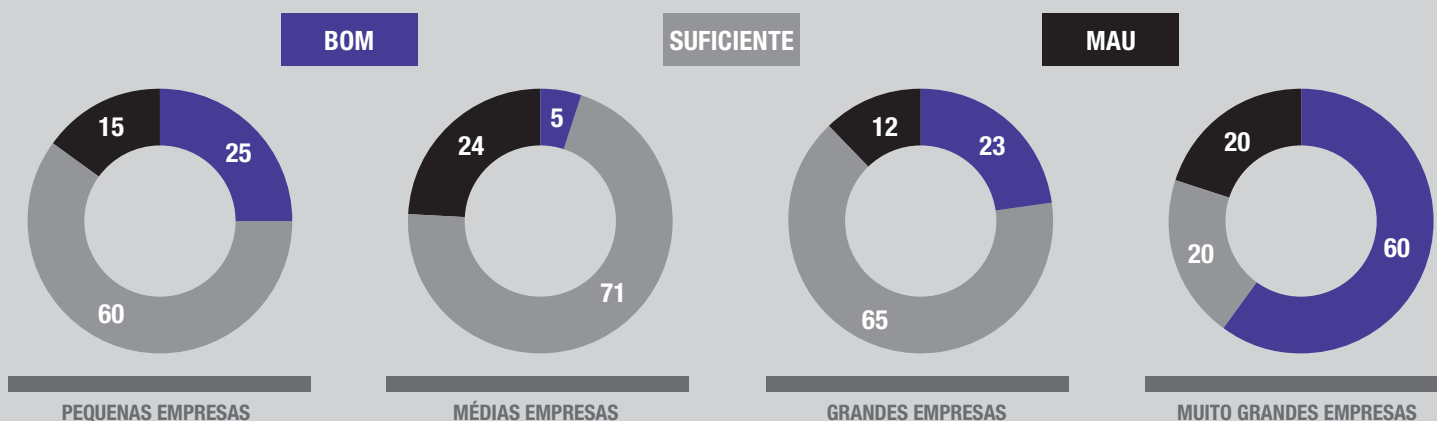
# Perspetiva sobre o estado dos negócios

Relativizando o pessimismo que marca as previsões anteriores, uma ampla maioria dos inquiridos (62%) acredita que o estado dos negócios no próximo trimestre permanecerá suficiente e, entre os restantes, os que pensam que será bom excedem em 3 p.p. os que receiam que seja mau. No entanto, são mais os inquiridos que acreditam que o estado dos negócios no último trimestre de 2018 será pior do que no trimestre homólogo de 2017 do que os pensam o inverso (s.r.e. -16 p.p.), embora 46% julguem que será igual.



## Apuramento dos resultados

O saldo de respostas extremas relativo ao estado dos negócios é positivo para as empresas de todas as classes de dimensão, exceto para as que têm entre 50 e 100 trabalhadores (“médias empresas”, para efeito desta análise), e para todas as classes de orientação exportadora, exceto para as empresas totalmente exportadoras. Em conjunto com as empresas com 100 a 250 trabalhadores, estas são também as classes que se mostram mais desapontadas na comparação com o ano anterior.

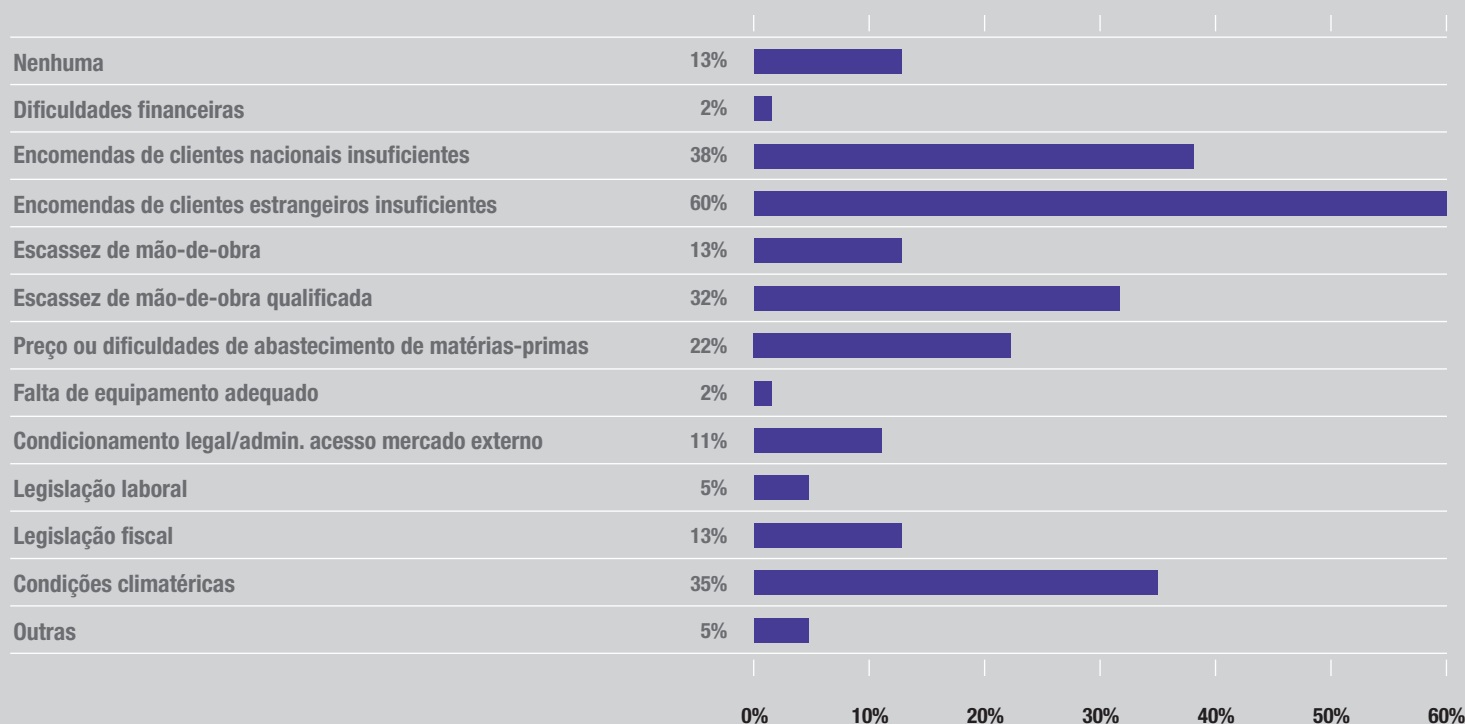


# Limitações previstas

Para o quarto trimestre, as empresas inquiridas esperam um agravamento das dificuldades decorrentes da insuficiência de encomendas: a insuficiência de encomendas de clientes nacionais é mencionada por 38% dos inquiridos e a de clientes estrangeiros por 60%. Ambos os valores são superiores aos registados para o terceiro trimestre e são os mais altos desta década. Em ambos os casos, as referências a insuficiência de encomendas são menores entre as empresas de maior dimensão e entre as mais orientadas para os mercados externos.

As condições climáticas ocupam um lugar de destaque entre as preocupações do setor: 35% das empresas preveem enfrentar dificuldades com elas relacionadas, o que constitui, por larga margem, um novo recorde para as referências a este fenómeno. Embora com um relevo muito diminuto, a falta de equipamento adequado é a outra dificuldade que regista um aumento de referências para o próximo trimestre.

## PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Dado o contexto de abrandamento da atividade, não surpreende que se registre uma ligeira diminuição nas referências à escassez de mão-de obra (de 16% para 13%) e de mão-de-obra qualificada (de 33% para 32%). Estas dificuldades preocupam sobretudo as empresas de dimensão intermédia com forte orientação para os mercados externos. As empresas acreditam também numa diminuição das dificuldades relacionadas com a legislação laboral e fiscal.

A percentagem de empresas que acreditam que, no próximo trimestre, não enfrentarão qualquer dificuldade é idêntica à das que disseram não as ter enfrentado no terceiro trimestre (13%).

---

# Notas de Conjuntura

O Banco de Portugal publicou recentemente novas previsões para a economia portuguesa, reduzindo as suas expectativas em relação à previsão de junho. Depois de ter aumentado 2,8% em 2017, o Banco prevê que o PIB português abrande nos próximos anos, crescendo 2,1% em 2018, 1,8% em 2019, 1,7% em 2020 e 1,6% em 2021. O crescimento do consumo privado deverá ser apenas ligeiramente superior e o das exportações deverá ser de 3,9% em 2018, 6,6% em 2019, 5,9% em 2020 e 4,9% em 2021, substancialmente aquém dos 9,2% alcançados em 2017. Na sua análise, o Banco de Portugal refere nomeadamente:

“No horizonte 2018-21, (...) a economia portuguesa deverá prosseguir uma trajetória de crescimento da atividade, embora em desaceleração. (...)

Em termos gerais, o enquadramento externo da economia portuguesa permaneceu favorável em 2018. (...) Ao longo do ano, assistiu-se contudo à materialização de alguns riscos negativos (...), nomeadamente um aumento do protecionismo comercial e focos de turbulência financeira em certas economias emergentes mais vulneráveis, num quadro de normalização da política monetária nos EUA e de um menor apetite ao risco pelos investidores internacionais. (...) No horizonte de projeção, a expansão da economia mundial deverá continuar a um ritmo mais moderado.

Após uma ligeira aceleração em 2018, a componente não duradoura do consumo deverá abrandar ao longo do horizonte de projeção, em linha com a evolução do rendimento disponível real. (...) o investimento empresarial (...) deverá ultrapassar no final do horizonte de projeção o nível registado no início da crise financeira de 2008 (...). Este dinamismo implicará um peso historicamente elevado desta componente no PIB em 2021 (14,3%). Este segmento deverá beneficiar da realização de alguns projetos de infraestruturas de grande dimensão e, numa perspetiva mais abrangente, da continuação de perspetivas favoráveis em relação à procura, bem como da manutenção de condições de financiamento favoráveis. (...)

As exportações de bens e serviços foram a componente da procura global que mais contribuiu para a recuperação da economia portuguesa iniciada em 2013. Este traço irá manter-se em 2018-21, sendo que no final do horizonte de projeção as exportações em termos reais deverão atingir um crescimento de cerca de 70% face ao nível observado antes da crise financeira internacional. O peso deste agregado no PIB deverá ser próximo de 50% em 2021.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, dezembro 2018

Por sua vez, o Fundo Monetário Internacional divulgou as suas perspetivas para a economia internacional. O FMI afirma:

“Nas economias avançadas, a atividade económica perdeu algum ímpeto no primeiro semestre de 2018, depois de ter atingido um máximo no segundo de 2017. A realidade ficou aquém das projeções na área euro e no Reino Unido. O crescimento do comércio mundial e a produção industrial diminuiram. (...)

Prevê-se um crescimento global de 3,7% para 2018-2019, 0,2 pontos percentuais abaixo da projeção do WEO de abril de 2018, e deverá abrandar no médio prazo. As condições financeiras globais deverão tornar-se mais restritivas à medida que a política monetária normaliza; as medidas comerciais implementadas a partir de abril deverão travar a atividade em 2019 e anos seguintes; a política fiscal americana diminuirá o ímpeto a partir de 2020; e a China irá abrandar, refletindo um menor crescimento do crédito e o aumento das barreiras comerciais. Nas economias avançadas, abrandamentos acentuados no crescimento da população com idade para trabalhar e avanços lentos na produtividade irão limitar os ganhos no produto potencial de médio prazo. (...)

A preponderância dos riscos para a projeção para o crescimento global é de sentido negativo, tanto no curto prazo como para além dele. O potencial para surpresas positivas diminuiu (...) O agravamento das tensões comerciais e o potencial afastamento de um sistema comercial multilateral baseado em regras são ameaças chave às perspetivas globais. (...) Barreiras comerciais mais elevadas iriam desorganizar as cadeias de produção globais e abrandar a difusão de novas tecnologias, levando em última análise à diminuição da produtividade e bem-estar globais. Mais restrições às importações iriam também tornar os bens de consumo transacionáveis menos acessíveis, prejudicando desproporcionadamente as famílias mais pobres.”\*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, outubro 2018

\*Tradução nossa

P O R T U  
G U E S E  
S H O E S  

---

A P I C C A P S